

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: A CHAMA INAPAGÁVEL DA EDUCAÇÃO POPULAR BRASILEIRA E LATINOAMERICANA¹

Maria Teresa Esteban²
Maria Tereza Goudard³



¹ Homenagem recebida em 31/07/2023. Aprovada pelos editores em 16/08/2023. Publicada em 11/12/2023. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v21i46.59413>

² Doutora em Filosofia e Ciências da Educação Faculdade de Educação/Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói - Brasil. E-mail: m_t_esteban@id.uff.br.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9777735988809472>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0130-149X>.

³ Doutora em Educação Faculdade de Formação de Professores/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro - Brasil. E-mail: mtgtavares@yahoo.com.br.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2697823717162359>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9856-5098>.

“Quem elegeu a busca
não pode recusar a travessia”
João Guimarães Rosa

Iniciamos esse escrito compartilhado, ainda sobre os impactos da *travessia* do querido Carlos Rodrigues Brandão, em 11 de julho de 2023, portanto há menos de um mês. Para nós, “as Teresas”, como carinhosamente Carlos Brandão se referia a nós duas nos encontros do Grupo de Trabalho (GT) de Educação Popular da Anped, ou em intercâmbios do mesmo GT, em cidades e universidades distintas, foi transformador sermos afetadas por suas palavras, seu olhar, sua humanidade. E era sempre uma alegria encontrá-lo, revê-lo, com a sua voz mansa e seu sorriso miúdo, matreiro, sendo Carlos Brandão um dos homens mais gentis e envolventes que conhecemos.

Assim, o presente texto, *pretexto* para lembrar Carlos Rodrigues Brandão em nosso percurso de professoras–pesquisadoras da Educação Popular, não se nutre de pretensões políticas e ou epistemológicas. O presente texto, tecido por nós, deriva de um afeto intenso e sincero, resultante de uma longa convivência que se dava nos “encontros”, com a pessoa e com a obra de Carlos Brandão.

Carlos Rodrigues Brandão, foi um pensador, pesquisador e contador de histórias, incansável! Autor de mais de 100 livros, sendo boa parte deles sobre Educação Popular; Cultura; Paulo Freire e seu Método de Alfabetização; Educação Ambiental; Literatura Infanto-juvenil, tais como “O menino que lia o Mundo”, “O Jardim de Todos”, entre outros. Carlos Brandão era um escritor e leitor profícuo. Nesses anos pandêmicos (2020-2022), gostava de nos contar nas lives produzidas pelo GT de Educação Popular, que estava (re)lendo livros considerados clássicos da literatura brasileira e universal. Não lhe faltava tempo para ler o livro “Paidéia: a Formação do homem grego”, escrito pelo filósofo alemão Werner Jaeger, uma obra de mais de 500 páginas, como ele gostava de nos falar. Gostava também de referenciar obras de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, seus autores de *cabeceira*, como ele gostava de nos dizer, além de escrever textos, livros e longos emails aos companheiros e companheiras do GT 06 de Educação Popular.

Formado em Psicologia pela PUC/RJ, com mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília e Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, era um professor e pesquisador arguto e rigoroso, mas, ao mesmo tempo sensível e atento aos “mistérios do mundo”. Assim, como definir Carlos Rodrigues

Brandão? Talvez o melhor “retrato” seja como ele mesmo se (auto)definia: como um poeta, antropólogo, educador e militante ativista da Educação Popular. A partir de uma longa e fraterna convivência com Paulo Freire, tornou-se um dos maiores estudiosos do trabalho/obra Freiriana, sendo um leitor sensível e rigoroso do percurso da Educação Popular no Brasil e na América Latina. Um dos seus últimos livros, publicado em 2021 pela Wak Editora, no centenário de nascimento de Freire, chama-se, justamente, “Paulo Freire: Tantos anos depois”, no qual Carlos Rodrigues Brandão retoma o seu percurso de ativista e militante da Educação Popular, entrelaçando a sua convivência fraterna e amorosa com Freire, à memória, à história e ao legado da Educação Popular nos últimos 60 anos, desde os movimentos de cultura popular iniciados em Recife/PE, na década de 60 do século passado, quando Paulo Freire iniciou o seu trabalho extensionista no Serviço de Extensão da Universidade de Recife.

A parceria com Paulo Freire e tantos outros e outras educadores e educadoras militantes da Educação Popular, tais como Rubem Alves, um dileto amigo e “mestre da vida”, conforme palavras do próprio Carlos Brandão (2021, p.3), Beatriz Bebianco Costa, Osmar Fávero, Marcos Arruda e José Inácio Parente, todos vinculados a organizações sociais no Rio de Janeiro, sobretudo, à Igreja Católica, inscreveram e escreveram a Educação Popular pensada e praticada como um campo de conhecimento fértil e fecundo na Educação brasileira dos anos 60 do século XX. O próprio Carlos Rodrigues Brandão gostava muito de contar aos colegas *novatos* do GT de EP, que ele mesmo *estreu* aos 23 anos no Movimento de Educação de Base (MEB) em 1963, portanto há 60 anos, sendo logo incorporado à equipe nacional do MEB, integrando-se à equipe de “Animação Popular”.

Como vemos, a vida e a obra de Carlos Rodrigues Brandão, entrelaçadas em sua amada Rosa dos Ventos, terra boa de acolhida e partilha com quem ali chegava, mas também com quem sem seu chão pisar é tocado pelo que Brandão ali produzia, estão marcadas por muitos e variados encontros, ao longo de sua travessia por este mundo. Mundo no qual caminhou com leveza, profunda admiração e respeito. Em seu caminhar, foi proseando sobre esse mundo, no qual se aventurava, e sobre a vida, com que se encontrava. Como um grande contador de histórias e “causos”, ao expor suas experiências nos desafia(va) a olhar para a vida com cuidado e nos convida(va) ao diálogo para melhor observá-la, compreendê-la e (re)criá-la. Não se limitou a nos

dizer da importância da circulação do saber, fez das suas palavras, gestos, olhares e viagens atos de partilha, constituídos no afeto que torna possível o encontro, condição para o ensinar-aprender.

A nós, professoras pesquisadoras da Educação Popular, nos deixa como parte dos ensinamentos, perguntas. Na abertura dos Conversatórios – “O pensamento de Paulo Freire em ação: diálogos Freirianos em tempos de (pós) pandemia”, realizado pelo GT Educação Popular da ANPEd, em 2021, Brandão nos provoca: “Por que a Educação Popular?” E ainda, com menção à expressão de Miguel Arroyo: “em que território de disputa se encontra isso que nós chamamos de Educação Popular?” Nos impele, portanto, a seguir refletindo, traçando caminhos, recriando nossos modos de viver, com cuidadosa escuta das pessoas e do que se apresenta em nosso tempo. Então, convoca as/os parceiras/os com quem percorreu a trilha da Educação Popular e assinala a necessidade de incorporar outros sujeitos e outras epistemologias, para continuar essa viagem.

Como bom trilheiro (assim, por vezes, Brandão falava de si), sabia ser preciso seguir as sendas já abertas, e que para ir além não se pode deixar de abrir novas trilhas. Compartilhou seu caminho e nos ofereceu instrumentos para avançarmos em nossas buscas: a pesquisa participante. Para ele, “a pesquisa é “participante” porque, como uma alternativa solidária de criação de conhecimento social, ela se inscreve e participa de processos relevantes de uma ação social transformadora de vocação popular e emancipatória” (Brandão, 2006 p.32). Sendo uma formulação latino-americana, se configura em movimento muito próximo à Educação Popular.

Estar com Brandão, nas diversas formas em que se pode estar com alguém, era/é uma oportunidade especial de entrar em contato com sua elaboração, criativa, envolvente e teoricamente refinada a partir de suas andanças e seus encontros. Aves, rios, plantas, montanhas lhe faziam pensar, interrogar, problematizar e compreender a vida, suas belezas e mazelas, seu aconchego e seus perigos, do mesmo modo que as gentes tantas e diferentes, de tantos e diferentes lugares, com seus jeitos próprios de viver e pensar a vida. Jeitos de ser humano, apenas um dos seres que partilham a vida na Terra e no Universo e que com tantos outros comparte o “mistério de estar vivo”, como dito por ele, porém, percebendo a vida e pensando sobre ela. Uma humanidade que reivindica a liberdade. Liberdade de criar e criar-se, na tecelagem de cultura e educação – populares, na produção da vida - atos políticos.

Com folias, festas, cantos, danças e muito do que aprendeu conversando com o povo também vai nos ensinando a fazer a educação popular, deixando seus traços nos caminhos em que ela se produz. Sua obra se entretetece à rede de movimentos comprometidos com a libertação que ultrapassa as fronteiras brasileiras e faz da Educação Popular uma proposição política, epistemológica e metodologicamente latino-americana. Uma educação alegre, porque esperançosa e transformadora; atenta, porque sabe que “viver é lutar”; coletiva, porque a vida se tece na convivência, na partilha, no estabelecimento de laços; solidária, porque sabe das dores do povo e de sua capacidade de criar alternativas; errante, porque a vida sempre comporta o imprevisível.

Sem a pretensão de uma “genealogia” da Educação Popular a partir dos percursos de Carlos Rodrigues Brandão, reiteramos que a EP, como amorosamente a denominamos em nosso GT da ANPED, embora na contemporaneidade se constitua como um campo teórico-prático consolidado, no sentido acadêmico e institucional, com os seus/suas autores/as, mercado editorial, linhas de pesquisa em programas de pós-graduação em Educação, espaços e circuitos institucionalizados para apresentação e discussão de suas pesquisas e trabalhos acadêmicos, segundo Brandão, “emerge historicamente, onde quer que surja no continente, como um movimento de educação, ou, se quisermos, como a educação em estado de movimento. Como um movimento em que, política, teórica e metodologicamente a educação quer ser uma transgressão de si própria” (2001, p.8). E mais recentemente, Carlos Rodrigues Brandão retoma a sua conceituação da EP como “Uma deriva pedagógica (...), a Educação Popular é um movimento, não uma instituição; é um acontecendo, não um acontecimento e, menos ainda, um acontecido” (Brandão, 2021, p. 96).

Talvez a conceituação da EP como a *educação em estado de movimento* seja uma das maiores lições de Carlos Rodrigues Brandão a todos/as nós que a praticamos, seja nos territórios escolares, nos movimentos sociais, nas lutas do campo e da cidade por justiça, educação, terra, moradia, trabalho, direito à vida de uma forma mais plena e feliz.

Para (não) concluir

Na urdidura desse texto-pretexto para falar, mesmo que de forma breve, sobre os impactos da *travessia* de Carlos Rodrigues Brandão em nós, que tivemos a alegria de nos constituirmos enquanto pesquisadoras da Educação Popular na convivência intensa e dialógica de quase 30 anos com a pessoa e a obra de Brandão, seja no encontros da Anped, nos minicursos e sessões especiais ministradas por ele, seja na leitura formadora de livros clássicos, tais como “A Questão Política da Educação Popular” (1980), “O que é Educação” (1981), “Pensar a Prática: escritos de viagem e estudos sobre a educação” (1990), “Paulo Freire: tantos anos depois”(2021), e tantas outras obras seminais, achamos importante retomar a epígrafe introdutória desse pequeno artigo: *Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia*. Sim, poucas pessoas se abriram tanto à busca, ao encontro, à errância, à partilha como Carlos Rodrigues Brandão. Aprendemos com ele que a Educação Popular era/é um “canteiro de obras”, que cada um, cada uma de nós, produzia em nossos grupos e coletivos as ferramentas e os instrumentos pedagógicos e políticos voltados a tornar o mundo, a nossa sociedade, a escola, a universidade, a cada um/uma de nós pessoas melhores, mais humanizadas e solidárias à dor e à experiência do Outro/Outra.

Depois de tantas andanças e prosas, em que tantas vozes se entrecruzaram e mãos se entrelaçaram tecendo valiosas experiências de partilha, talvez este mundo que habitamos tenha ficado pequeno demais para Carlos Rodrigues Brandão. Talvez ele esteja se aventurando por outros caminhos, proseando com outras gentes, admirando outros seres viventes, explorando outras paisagens, contando outros “causos”.

Creemos que, irmanado com Paulo Freire e Rubem Alves, “seus mestres de vida”, segue Carlos com a sua chama acesa. Chama esta que utopicamente brilha no horizonte, nos convidando a continuar “lendo curiosamente o mundo”, e nele ir construindo outras poéticas de ação, outros campos de possíveis!

Faz algum tempo, em seu livro *Furundum* (2001), Brandão nos disse:

até logo, gente amiga
já era de noite
e eu vinha vindo
o dia amanheceu
e a vinda... ainda.
de noite de novo
e eu vou indo
eu já na ida.
quem é que não acaba:
a estrada ou a vida?
Até sempre, querido companheiro.
Viva Carlos Rodrigues Brandão!

Referências

Brandão, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire**: Tantos anos depois. Rio de Janeiro: WAK, 2021.

Brandão, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: Streck, D., Brandão, C.R. (org). **Pesquisa participante** – o saber da partilha. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

Brandão, Carlos Rodrigues. **Pensar a Prática**: escritos de viagem e estudos sobre a educação. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Brandão, Carlos Rodrigues. **Furundum**. Campinas: Autores Associados, 2001.

Brandão, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

Brandão, Carlos Rodrigues (Org.). **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.